
Entrevistado/a: Mariane de Sousa Batista

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio 2025

Local: EMEF Professora Maria Gusmão Brito (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Mariane de Sousa Batista é professora de Geografia, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mais de duas décadas de atuação na educação básica. Atua há 17 anos na rede municipal de São Leopoldo e há 16 anos na EMEF Gusmão Brito.

A ocupação inicial da escola para abrigo e apoio

A entrevistada relata que, embora não tenha sido diretamente atingida pela enchente, passou a atuar como voluntária quando a escola foi transformada em abrigo. Sua principal contribuição nos primeiros momentos esteve relacionada à comunicação institucional, por meio da criação e gestão do perfil da escola no Instagram. Inicialmente pensado como um canal simples para solicitação de doações emergenciais, o perfil rapidamente se tornou um ponto central de articulação entre a escola, voluntários e a comunidade.

A atuação voluntária

Mariane atuou na organização e mediação das demandas externas, respondendo mensagens, orientando doações, mobilizando voluntários e estabelecendo conexões entre a escola e pessoas de diferentes regiões do país e do exterior. Muitas vezes realizada à distância, utilizando telefone e computador como principais ferramentas de trabalho. A entrevistada destaca

que todo o trabalho foi realizado de forma voluntária, sem qualquer obrigatoriedade, envolvendo professores, ex-alunos, pais, moradores da comunidade e pessoas sensibilizadas pela situação.

A reconfiguração da escola em abrigo

A escola foi progressivamente reorganizada em setores, com salas destinadas à triagem de doações, enfermaria, distribuição de roupas, alimentação e acolhimento dos abrigados. Mariane descreve a complexidade da gestão do fluxo de informações nos primeiros dias, marcados pela ausência de registros sistemáticos e pela sobrecarga comunicacional. Com o passar do tempo, a criação de coordenações internas possibilitou maior organização. A entrevistada ressalta a participação da comunidade, de ex-alunos e de redes solidárias nacionais e internacionais, que contribuíram com alimentos, produtos de higiene, recursos financeiros e apoio logístico.

O encerramento do abrigo

O funcionamento do abrigo se estendeu por cerca de um mês, Mariane destaca que o retorno às atividades escolares foi atravessado pela necessidade de lidar com as histórias dos estudantes atingidos, muitas vezes narradas de forma cuidadosa para evitar estigmatizações. O encerramento do abrigo evidenciou tanto os impactos da enchente na vida das famílias quanto a dificuldade de romper com um espaço que, temporariamente, garantiu dignidade, segurança e acesso a condições básicas para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre a experiência, Mariane enfatiza que a transformação da escola em abrigo reafirmou o papel social da instituição. Destaca que a tragédia revelou tanto gestos de profunda generosidade quanto tensões e conflitos, evidenciando desigualdades sociais. Para a entrevistada, a experiência reforçou a importância da empatia, do compromisso coletivo e da responsabilidade social da escola, que, em contextos de catástrofe, se constitui como referência para a comunidade.